

O trabalho de leitura da materialidade imagética e verbal de um cartum: uma perspectiva discursiva

Read work of materiality and verbal imagery of a cartoon: a discursive perspective

Magda Regina Lourenço Cyrre *

RESUMO: Este estudo segue princípios e noções basilares da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana e trabalha com a leitura da materialidade imagética e verbal de um cartum sobre política. O objetivo deste trabalho foi articular noções teóricas da AD à prática analítica da interpretação do verbal e do não verbal presente no objeto de análise. A questão norteadora da pesquisa foi: Como as materialidades imagética e verbais de um cartum atualizaram sentidos e produziram interpretação numa perspectiva discursiva pecheuxtiana? Buscamos, com base nos pressupostos da AD, a construção de um aporte teórico-metodológico para analisar o material selecionado como *corpus* e, com isso, entender o seu funcionamento discursivo. É diante dos efeitos de sentidos provocados pelo conjunto das materialidades analisadas que tecemos nossas considerações. A análise apontou para a reativação de saberes e a manifestação do imaginário do cartunista sobre o que simbolizou a coligação dos partidos políticos PT e PP: um pacto entre iguais.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Cartum. Materialidades.

ABSTRACT: This study follows basic principles and notions of Discourse Analysis (DA) pecheuxtiana and works with reading and verbal imagery of the materiality of a cartoon about politics. The objective of this study was to articulate theoretical notions of AD the practice of analytical interpretation of verbal and non-verbal object in this analysis. The guiding question of the research was: How the materialities and verbal imagery of a cartoon senses and updated interpretation produced a discursive perspective pecheuxtiana? We seek based on assumptions of AD building a theoretical

* Doutoranda em Estudos de Linguagem pelo PPG – LETRAS – UFRGS, Mestre em Teorias do Texto e do Discurso. Exerce o cargo de Professor Adjunto I na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. E-mail: magcyrre@gmail.com.

and methodological framework to analyze and interpret the material selected as corpus and thereby understand their discursive functioning. It is before the effects caused by all the senses analyzed materiality we weave our considerations. The analysis pointed to the reactivation of knowledge and manifestation of the cartoonist's imagination about what it symbolized the coalition of political parties and PT PP: a pact between equals.

KEYWORDS: Reading. Cartoon. Materialities

Introdução

A Análise do Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux, surgiu na França, na década de sessenta do século vinte, tomando o discurso como seu objeto próprio. Pêcheux apresenta a noção de discurso como uma determinada forma de materialidade (histórica e linguística) diretamente imbricada com a materialidade ideológica, propondo uma 'semântica do discurso'. O objeto de análise deste trabalho é um cartum que trata sobre a coligação política entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Progressista (PP) para concorrer à prefeitura de São Paulo em 2012. O critério de escolha deste cartum para análise, entre tantas outras materialidades que simbolizaram a coligação entre PT e PP, foi o aleatório. Para a AD, cada materialidade imagética e verbal tem a sua singularidade e a sua discursividade, portanto todo e qualquer cartum é um objeto único de estudo e poderia servir para demonstrar o trabalho de leitura sob a perspectiva dessa teoria.

Este estudo teórico-analítico reconhece que os cartuns descrevem fatos do cotidiano. Esse conhecimento tem como contraponto que toda descrição de um fato já é uma interpretação, segundo Pêcheux (2006). Para trabalharmos com a tensão entre descrição e interpretação, consideramos necessário apresentar algumas noções teóricas importantes para a compreensão do tipo de análise que nos propomos fazer.

A partir de noções basilares da AD pecheuxtiana, lançamos o nosso olhar sobre o objeto de análise, focando nos efeitos de sentido veiculados. Sendo assim, os objetivos do estudo são: a) analisar o *corpus* recortado para fazer

parte deste estudo por meio da construção de um dispositivo teórico e analítico para o corpus selecionado com noções fundamentais da AD, tais como Condições de Produção, Formação Ideológica, Interdiscurso e Memória Discursiva; b) investigar que sentidos são produzidos por entre a materialidade imagética e verbal tecida pelo cartunista. Para atingir tais objetivos, propusemos a seguinte questão norteadora: Como as materialidades imagéticas e verbais de um cartum atualizaram sentidos e produziram interpretação?

Sobre a teoria e o trabalho discursivo

Pêcheux (1988) pensa o discurso como fazendo parte do interior de um feixe de relações, o discurso é o lugar onde se entrelaçam a língua, a história e o sujeito. Texto e discurso não se confundem em AD, já que texto é a materialidade e discurso é o sentido dessa materialidade. Apesar de a língua ser a mesma para os sujeitos, o discurso não o é. Ou seja, “a língua se apresenta, assim, como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados (...)” (PÊCHEUX, 1988, p.91).

Em vista disso, a interpretação deve considerar o modo de funcionamento das materialidades verbais e não verbais para chegar aos discursos que daí emergem e às diferentes formas de exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção. Pêcheux (1988) mostra que a língua tem a sua materialidade discursiva, ou seja, a tomada de um enunciado pressupõe a consideração das condições de produção. Para a teoria discursiva pecheuxtiana a base da língua, conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, possui uma autonomia relativa. E o discurso não é, simplesmente, um objeto dado no mundo, como se fosse algo transparente; como um objeto de teoria científica, ele precisa ser construído. É por isso que, assim como Orlandi (1987), acreditamos que o discurso não surge no vazio.

Logo, ao se analisar um cartum, não se está analisando o cartum em si, mas o(s) discurso(s) que vem/vêm por meio dele. Portanto, é o olhar discursivo

que transforma o cartum em discurso. O cartum visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada, pois ele tem relação com outros textos, com suas condições de produção, com a sua exterioridade constitutiva.

Conforme Orlandi (1987), o objetivo da AD é compreender como um discurso funciona, como ele produz sentido, enquanto objeto linguístico-histórico e social. O discurso é o ponto de articulação dos processos histórico-ideológicos e dos fenômenos linguísticos e extralinguísticos, tais como as condições de produção. O discurso é, antes de tudo, um lugar de reflexão que remete a uma noção de ideologia que não separa linguagem e sociedade da história. Então, enquanto prática discursiva, o discurso deve ser concebido como processo e não como produto. Isso porque deve ser analisado não em sua unidade, mas sim em seu conjunto e, com isso, sofrer as influências de outros discursos que concorrem com ele.

Para a análise do cartum, será preciso considerar a materialidade discursiva que o compõe (verbo-visual) e as condições sócio-históricas de seu aparecimento. A fim de entendermos como o discurso do objeto de análise funciona é preciso o acionamento da noção de Condições de Produção (CP). As CP de um enunciado estabelecem a relação da sequência discursiva com o sujeito e com a situação, relação dos interlocutores com a ideologia numa conjuntura histórica dada. No caso deste estudo, o cartum visto a partir de suas condições de produção é um discurso. Conforme Indursky:

As CP do discurso mostram a conjuntura em que um discurso é produzido, bem como suas contradições. Nessas condições, o sujeito produz seu discurso não como fonte de conhecimento, mas como efeito dessa rede de relações imaginárias, constituindo-se tal discurso na representação desse imaginário social. (INDURSKY; 1997, p. 28).

Em outras palavras, mas também seguindo os dizeres de Indursky (2009), são as CP que tornam possível a passagem da superfície linguística (o verbal) do texto à sua face discursiva já que as CP são de natureza histórico-social e relacionam um texto a um sujeito igualmente histórico. Também em

relação à superfície linguística empregada para constituir os discursos convém destacar o pensamento de Orlandi (2012, p.30): “Os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas”. Ou seja, o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe em si mesmo, pois é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Para a teoria discursiva pecheuxtiana, as palavras não são transparentes e o sentido não é evidente; as palavras recebem seu sentido em referência às *formações ideológicas (FI)* nas quais essas posições se inscrevem.

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos *o caráter material* do sentido das palavras e dos enunciados. (...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, etc., não existe “em si mesmo”, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (reproduzidas). (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Podemos dizer que “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. A ideologia é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história e com seus mecanismos imaginários” (ORLANDI; 1998, p. 31). Segundo a teoria discursiva de Pêcheux, ¹inconsciente e ideologia estão materialmente ligados. Sendo assim, para essa teoria, “a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história na sua necessidade conjunta, na sua materialidade” (ORLANDI; 1998, p. 40). Em vista disso, podemos afirmar que a ideologia

¹ Inconsciente pela teoria discursiva pecheuxtiana está relacionado à interpelação do sujeito discursivo em sujeito do seu discurso. O processo de interpelação fica apagado porque a forma sujeito - tal como Pêcheux e Fuchs a conceberam em 1975 - emerge por meio de duas ilusões ou esquecimentos: esquecimento nº 1 – o sujeito acredita ser a fonte de sentido, ignorando a existência de um discurso socialmente preexistente por traz da aparência da livre enunciação de um indivíduo; esquecimento nº 2 – o sujeito do discurso supõe controlar plenamente a sua enunciação.

responde de forma diferente aos interesses das classes. Tanto os saberes como as práticas produzidas nas instituições são práticas de interesses de classes.

Assim, os sujeitos sofrem pressões ideológicas e, simultaneamente, são condicionados por seus desejos inconscientes. Esse reconhecimento, no campo da teoria, estabeleceu uma subjetividade desdobrada, dividida. Inconscientemente, o homem - enquanto um ser sócio-histórico - é interpelado como sujeito. O sujeito se reconhece e se identifica com uma ideologia mesmo sem ter consciência, daí Pêcheux (1988, p.161) dizer que: "os indivíduos são *interpelados* em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes". Para Althusser (2008), a materialidade da ideologia está nas instituições sociais. Pêcheux ao formular o conceito operacional da ideologia no campo das práticas sociais, *Formação Ideológica*, aprofunda os conceitos de Althusser (1996) e inclui as práticas discursivas. Ou seja, nas palavras de Pêcheux:

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes - todos igualmente "evidentes" - conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque [...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria "próprio", vinculado a sua literalidade. [...] é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições *literalmente diferentes* podem, no interior de uma formação discursiva dada, "ter o mesmo sentido" [...]. (PÊCHEUX, 1988, p.161).

Isso quer dizer que Pêcheux (1988) apresenta a noção de ²*Formação Discursiva* (FD) como aquilo que numa Formação Ideológica (FI) dada determina o que pode e deve ser dito. Ou seja, numa sociedade, há relações de classes que implicam dadas posições políticas e ideológicas que, por sua vez, incluem formações discursivas em tensão, e que determinam o que pode e o que deve ser dito, considerando certas posições na conjuntura social. É através

² Quem primeiro pensou a noção de Formação Discursiva foi Foucault em sua obra *Arqueologia do Saber* (1969), posteriormente, Pêcheux reformulou essa noção e a apresenta ao longo de toda a sua obra.

dessas FD que se pode reconhecer, na materialidade dos textos, o cruzamento de vários discursos.

Então, é no espaço das FDs, atravessadas pela dimensão ideológica, que se reconhece a manifestação de discursos específicos. A formação discursiva é o lugar da constituição do(s) sentido(s), já que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: “Os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1988, p.161). As fronteiras entre as FDs não são fixas e, com relação a esses limites, Indursky (2007a) chama de fronteiras porosas. Nessas fronteiras movediças entre uma FD e outra se processa o que se chama “assujeitamento” – o condicionamento do sujeito à ideologia e ao inconsciente. Para a compreensão de como os discursos se formam nas FDs, é necessário trazeremos a noção de *interdiscurso*.

Para definir o exterior de uma Formação Discursiva (FD), Pêcheux (1988) desenvolve a noção de interdiscurso e elabora uma teoria do discurso que pressupõe a existência de transversalidades e conflitos históricos no interior e no exterior dos discursos, que afetam os sujeitos desses discursos e o próprio sentido das palavras. “O interdiscurso delimita o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido, pois é o interdiscurso que determina a formação discursiva (FD) com a qual o sujeito discursivamente se identifica” (PÊCHEUX, 1988, p. 213-14).

Em vista disso, o interdiscurso funciona como exterioridade, como o “lugar” do Outro e permite que filiações históricas possam se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes. Por isso, as FDs estão posicionadas em complexos de FDs relacionadas, referidas como ‘interdiscurso’ e os significados específicos de uma FD são determinados pelo exterior em sua relação com o interdiscurso. Ou seja, de acordo com Orlandi (1998), para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido. Essa impressão de significar deriva do interdiscurso – o domínio da memória discursiva, aquele que

sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, mas esquecidas, e que vão construindo uma história dos sentidos. Toda enunciação resulta, assim, de um efeito de sustentação no já dito. Ao analisarmos o objeto de análise deste estudo, estaremos trabalhando com a historicidade do discurso que emerge do e no cartum e como a sua materialidade funciona para a produção de efeitos de sentido.

Do ponto de vista do discurso, o modo de produção de sentido é um elemento crucial, e o que se produz é associado a espaços de discursos já construídos. Em vista disso, é de suma importância a noção de *interdiscurso* já que o objeto discursivo não é fechado: tem relação com outros textos, com outros discursos e com a memória discursiva. Além disso, o interdiscurso é “submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1988, p.162).

O cartunista ao formular o cartum, inconscientemente, reativa a memória do dizer com a formulação de determinadas imagens e enunciados e não de outros, com isso, traz à tona sentidos já existentes no âmbito do interdiscurso. Ao apresentar o cartum, as imagens (não verbal) e as sequências discursivas (verbal) retornam como um saber já-dito que é reatualizado e (re)significado, pois foram formulados em outro lugar e em outro cenário discursivo. Os conflitos subjetivos que nascem dessas diferenças discursivas são sempre o resultado de conflitos sociais coletivos determinados pela hegemonia política ou pelo poder capitalista enraizado na sociedade.

A forma como a materialidade discursiva se deixa comprometer com esse tipo de hegemonia é localizada no que Pêcheux (1988) chama *intradiscurso* - ou o discurso que opera sobre si próprio - que se caracteriza por possuir dois traços distintivos: o efeito *pré-construído* e a *articulação*. Nas palavras de Pêcheux, “O efeito pré-construído como a modalidade da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que é sempre-já sujeito” (1988, p.156.) E a articulação como o que permite a um sujeito constituir-se como tal em relação àquilo com que o seu próprio discurso se constrói.

Nesse sentido, o interdiscurso funciona como o lugar do Outro, como espaço de latência de sentidos. Convivem nesse processo os campos da história, da língua e do inconsciente sem fronteiras fixas, e o papel do cartunista - duplamente afetado (pelo inconsciente e pela ideologia) - é produzir gestos de interpretação marcados pela projeção³ imaginária que ele faz de si, do outro e do lugar social em que está inscrito, embora isso possa ocorrer de forma inconsciente. Pode-se dizer que é uma via de mão dupla, pois a interpretação do sujeito-leitor do cartum também é afetada pela historicidade e pela ideologia já que recorta do interdiscurso apenas alguns sentidos e não outros para incorporar ao seu discurso. Para Pêcheux, 1988, tem-se no gesto de leitura o efeito do interdiscurso sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do ⁴Outro.

Pêcheux (1988, p. 163) destaca que o funcionamento da ideologia como interpelação dos indivíduos em sujeitos de seu discurso realiza-se "através do interdiscurso e fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas". Sendo o discurso concebido como um sistema de relações de sentido, a noção de *interdiscurso* destaca-se no processo de subjetivação da linguagem, na relação com outras materialidades discursivas e com a memória discursiva. Em vista dos sujeitos serem afetados pela memória, temos em Pêcheux que:

as 'coisas-a-saber' (*sic*) são jamais visíveis em desvio, como transcendentais históricos ou epistemes no sentido de Foucault, mas sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras e não a aprendizagens por interação (...). (2006, p.54).

³ Imaginário é usado aqui no sentido estabelecido por Pêcheux e Fuchs [1975] (1993). Ou seja, as regras de projeções imaginárias estabelecem as relações entre as situações - objetivamente definíveis - e as posições - representações dessas situações - nos mecanismos da formação social.

⁴ O discurso outro (com minúscula) é um discurso passível de ser identificado, localizado. Já o discurso Outro (com maiúscula) refere-se ao interdiscurso, ao todo complexo de formações discursivas, que intervém no discurso, sob o efeito de já-sabido, sem poder ser localizado.

Aqui neste estudo, entendemos que memória discursiva e interdiscurso não se confundem. Essa forma de ver essas duas noções é explicada nas seguintes palavras:

A memória discursiva é lacunar e seletiva e sua mobilização, joga ou atua na posição sujeito (daí podermos falar em “efeito de memória”) enquanto que o interdiscurso é um espaço saturado de sentidos, pois nele tudo que está lá já produziu sentidos em espaços e tempos diversos. (CAZARIN, 2010, p.106).

Ou seja, o interdiscurso funciona como exterioridade, como o “lugar” do Outro e permite que filiações históricas possam se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes. Toda enunciação resulta, assim, de um efeito de sustentação no já dito. Em Indursky (2007b), tem-se que a formulação das modalidades de tomada de posição do sujeito é contemporânea da noção de interdiscurso, pois é o interdiscurso que contém os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD. O funcionamento dessa noção no processo de interpretação pode ser explicado nas palavras de Cazarin:

Talvez seja o caso de compreendermos que o interdiscurso fornece elementos para a reconstituição/restabelecimento da memória discursiva, que é da ordem do interdiscurso, mas que, para produzir sentidos, precisa ser mobilizada pela posição-sujeito. Mobilização essa que funcionaria, então, tanto como gesto de interpretação, quanto como categoria de análise, nos moldes do trabalho de Courtine (1981). Isso nos levaria a aceitar, como já sinalizamos, que a memória discursiva é lacunar (pois aí interfere a posição-sujeito que a mobiliza), ao passo que o interdiscurso é saturado de sentidos – tudo está lá. (CAZARIN, 2010, p.108).

Como o cartum significa a coligação do PT com o PP em São Paulo está, entre outros fatores, associado ao espaço de enunciação e de memória discursiva que sustenta os sentidos que são recuperados, reativados e reorganizados pela materialidade linguística empregada para formular o discurso sobre a coligação.

A memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramento, réplicas, polêmicas e contradiscursos. (PÊCHEUX, 1999, p.56).

A memória, assim pensada como um espaço possível de deslocamento por Pêcheux vem a abrir espaço para novos efeitos de sentido. Saliento que entendo por *efeito de sentido* o mesmo que Orlandi.

Os dizeres não são, (...), apenas mensagens a serem decodificadas. São *efeitos de sentidos* que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. (...). Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali e em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2012, p.30).

A partir do já dito, já significado, nasce o novo, o acontecimento, o novo vir a ser. No processo de produção dos sentidos, a memória discursiva, o já-dito e já esquecido, disponibiliza outros dizeres, que ainda não foram ditos. O que ocorre, é que o sujeito discursivo, que é determinado sócio-historicamente, e interpelado pela ideologia, não sabe que esse dizer não lhe pertence, mas que é oriundo do fator interdiscursivo, do já dito. E nesse sentido, a memória é constituída pelo esquecimento, o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro. Para Courtine (2006), a *memória* funda uma possibilidade de expressão; ela abre um direito à fala, ela possui, até mesmo, um valor performativo de proposição eficaz, pois se ancora em um passado que a sustenta como o ⁵*chumbo da lembrança*. Assim, os discursos se moldam a partir do que é importante lembrar e o que é preciso esquecer. Memória e esquecimento contribuem para a formulação de discursos.

⁵ Expressão usada por Courtine (2006) para referir-se tanto às lembranças políticas históricas memoráveis pela sua glória quanto a fracassos políticos que se fazem necessários esquecer.

Sobre o objeto de análise

O termo cartum origina-se do inglês *cartoon* - cartão, pequeno projeto em escala, desenhado em cartão para ser reproduzido depois em mural ou tapeçaria. A expressão, com o sentido que tem hoje, nasceu em 1841 nas páginas da revista inglesa *Punch*, a mais antiga revista de humor do mundo. Os cartuns sem legenda, durante muito tempo, foram chamados pela imprensa brasileira de piada muda. Sem o caráter pontual da caricatura em que a arte consiste em escolher o movimento imperceptível de uma deformação para tornar visível o ponto que rompe o equilíbrio de alguma face, o cartum propõe uma ruptura de caráter social.

Em relação à temática abordada, o cartum trata de temas universais e chega ao riso através da crítica mordaz, satírica, irônica e principalmente humorística do comportamento do ser humano, das suas fraquezas, dos seus hábitos e costumes. Resumidamente, podemos dizer que o cartum é um tipo de arte gráfica que é formulada com o emprego de materialidades imagéticas e verbais e que possui as seguintes características: a) apresenta em seu discurso certa dose de humor; b) é publicada em jornais, revistas ou sites; c) utiliza a materialidade imagética para ressaltar aspectos cômicos do assunto tratado; d) é uma anedota gráfica em que o cartunista pode recorrer a legendas ou dispensá-las. O cartum tece o seu discurso com uma linguagem que se compõe simultaneamente de imagem (o desenho) e de palavras (a legenda). No lugar de explorar elementos caricaturais, o cartum usa bonecos para registrar os aspectos do cotidiano simbolizados.

O *corpus* deste estudo foi delimitado em um cartum que simboliza a coligação entre PT (Lula) e PP (Maluf) para a prefeitura de São Paulo em 2012. A coligação entre PT e PP ocorreu em 18 de junho de 2012 com Lula representando o Partido dos Trabalhadores (PT) e Maluf representando o Partido Progressista (PP) e foi selada com um aperto de mão entre Lula e Maluf

e amplamente divulgada pela mídia brasileira. A interpretação do aperto de mão entre Lula e Maluf, para este estudo, foi simbolizada no seguinte cartum:



Figura 1: Cartum⁶

O discurso do cartum de Lorde Lobo sobre a coligação política é uma interpretação formulada pelo cartunista a partir de um mosaico de discursos oriundos do Interdiscurso. Por essa razão, é importante investigar como esse discurso foi organizado, tecido, e que efeitos de sentido reproduziu. Parafraçando Eni Orlandi (2012, p. 18), *trata-se de considerar o que o cartum diz e como ele o diz*. Em vista disso, o objeto de estudo – o cartum – é trabalhado como um *corpus* discursivo. Entendemos o *corpus* discursivo assim como Courtine (1981) *apud* Mittmann (2007): um conjunto de seqüências

⁶ Cartum formulado por Lorde Lobo e publicado no *Jornal Agora online* em 26/06/2012. Disponível em: <http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=29037>. Acesso em: 02 jul. 2012.

discursivas estruturadas a partir da relação com as Condições de Produção do discurso.

Em relação às condições de produção e de circulação do discurso do cartum, podemos dizer que o material a ser analisado foi elaborado pelo cartunista Lorde Lobo e veiculado no *Jornal Agora* de Rio Grande, RS, e foi acessado em 02 de julho na versão *on line* do jornal. O *Jornal Agora* é um jornal que não tem seção de política, mas que demonstra pelas notícias e reportagens veiculadas ocupar uma posição política de esquerda.

Em relação à arte gráfica do cartum, ele apresenta em sua composição as materialidades visual e verbal conforme descrição a seguir: dois personagens do sexo masculino dialogam. O primeiro personagem usa uma roupa de militante do PT - camiseta amarela com uma estrela vermelha no canto esquerdo da camiseta – e enuncia a seguinte sequência discursiva: “Apesar do pacto com Maluf ainda acredito que *uma parte do Lula* se mantém fiel aos princípios do partido!”. O segundo personagem - com vestes sem identificação com qualquer partido político - responde com a seguinte sequência discursiva: “Ah, sim: o dedo mindinho da mão esquerda!”.

Apresentado o *corpus* discursivo deste estudo, passamos aos procedimentos de análise por meio da aplicação de um dispositivo analítico próprio, em que recortamos alguns aspectos da teoria que serão aplicados conforme as especificidades do cartum. Segundo Mittmann (2007, p.155), “dependendo do recorte teórico-metodológico efetuado pelo analista, diferentes caminhos podem ser percorridos”. Não se objetiva com a análise do *corpus* discursivo deste estudo a exaustividade ou a completude do tema, mas sim demonstrar como o discurso do cartum funciona produzindo efeitos de sentido de acordo com o recorte teórico-analítico feito.

O trabalho analítico

Inicialmente, passamos a contextualizar sócio-historicamente o *corpus* discursivo deste trabalho. O cartum é entendido para este estudo – de maneira simples e geral - como uma arte pictórica em que se comenta um fato

específico de caráter político. Por seu caráter crítico, o cartum, além de denunciar e de fazer refletir, vale-se, em geral, do humor para alcançar seus objetivos. Para esse trabalho, interessa estudar o cartum não como resultado interpretativo, mas sim como um processo discursivo resultante de uma produção e legitimação de significados, pois carrega posicionamentos formadores ou conformadores de opinião pública.

Nas palavras de Orlandi (2003, p. 117) “compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação”. E a AD nos possibilita, “explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados” (PÊCHEUX, 2006, p. 23).

Partindo dessa noção de cartum e articulando com as noções de Condições de Produção, Formação Ideológica, Interdiscurso e Memória Discursiva, além de todos os pressupostos básicos da AD, passamos a investigar o cartum que integra esse trabalho para descobrir que sentido(s) é/são atualizado(s) sobre a coligação do Partido dos Trabalhadores (PT) com o Partido Progressista (PP) seladas por um aperto de mão entre Lula e Maluf em frente a Fernando Haddad, candidato à prefeitura de São Paulo, o qual foi amplamente divulgado pela mídia impressa e televisiva brasileira.

Para contextualizar sócio-historicamente o que pode simbolizar esse aperto de mão que selou a coligação e que críticas podem ser *entendidas* e *subentendidas*, vamos rememorar a história recente dos principais sujeitos envolvidos. Historicamente, temos que Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil, eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) chegou ao poder porque uma de suas bandeiras era: (como representante dos trabalhadores, ex-torneiro mecânico) lutar contra a hegemonia da classe dominante e combater a corrupção que historicamente permeou os partidos políticos conservadores que tradicionalmente sempre se alternaram no poder. Entretanto, para chegar e se manter no poder, em 2002, 2006 e 2010 o PT fez alianças com partidos conservadores - de ideologia de direita - que representariam ideais e propostas de governo diferentes (por que não dizer, até antagônicas) para o Brasil. Ao

longo desses 10 anos de governo do PT, os escândalos envolvendo a corrupção permearam o governo.

Historicamente, temos também que o atual deputado federal por São Paulo, Paulo Maluf (PP) é político tradicional com passagens pelos partidos ARENA, PSD e PP todos de direita; e, ao longo dos últimos anos, exerceu as funções políticas de Prefeito de São Paulo por duas vezes, Secretário dos Transportes, Governador de São Paulo e Deputado Federal por duas vezes.

Além disso, em sua longa carreira política, em várias ocasiões, foi acusado de: desvios de verbas, superfaturamento de obras, improbidade administrativa e lavagem de dinheiro. Também, a promotoria de Nova Iorque o acusa de movimentar ilicitamente milhões de dólares no sistema financeiro internacional sem justificativa fundamentada e, por este motivo, ele está na lista de procurados pela Interpol: Polícia Internacional. Então, fazer uma aliança eleitoral com o PP, tendo Maluf como representante, poderia simbolizar passar por cima de valores e princípios defendidos no passado pelo PT. Em vista desse contexto sócio-histórico, passamos a analisar o *corpus* discursivo para investigar que saberes foram recuperados pelo discurso do cartum.

Iniciando a análise pela materialidade verbal empregada na formulação do cartum, observamos que a primeira sequência discursiva: *Apesar do pacto com Maluf ainda acredito que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido!* diz que o personagem que profere a fala acredita que *uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido*. Por que apenas uma parte de Lula se mantém fiel aos princípios do partido? Porque essa mesma sequência discursiva recorta por meio do operador argumentativo *apesar de* no início do diálogo, saberes provenientes do interdiscurso que são atualizados pela memória discursiva sobre Maluf: o *pacto com Maluf*.

O uso do operador argumentativo *apesar de* atenua os efeitos de sentidos negativos do pacto com Maluf. Chegamos a esse efeito de sentido, considerando que a memória discursiva recortou aspectos sócio-históricos da vida pública do político que depõem contra a sua imagem. No entanto, à crença sobre a fidelidade de Lula aos princípios do partido é articulada pelo advérbio

de tempo *ainda* que é um marcador de pressuposição, podendo indicar que há um discurso Outro proveniente do Interdiscurso que leva à produção de outros efeitos de sentido: *acredita, mas não por muito tempo, que uma parte do Lula se manterá fiel aos princípios do partido*. Ou aponta para outro efeito de sentido o qual diz que *já é tempo de deixar de acreditar que uma parte* (Uma parte expressão negritada no cartum a qual aponta que o discurso outro atravessa a formulação.) *do Lula se mantém fiel aos princípios do partido*. Dessa primeira sequência discursiva, emergem relações de forças sobre as tensões existentes no discurso do sujeito que a enuncia. O discurso marca a posição de um sujeito dividido entre a crença de fidelidade e a dúvida sobre por quanto tempo isso ainda vai ocorrer.

Em relação à segunda sequência discursiva: *Ah, sim: o dedo mindinho da mão esquerda!*, observamos que essa resposta completa o sentido da sequência discursiva anterior e, além disso, faz um recorte de memória discursiva sobre o trecho destacado em negrito no cartum: *uma parte* do Lula. Ou seja, o segundo personagem recorta do interdiscurso, com a sequência discursiva de resposta, que a parte de Lula que se mantém fiel aos princípios do partido de esquerda é muito pequena: o dedo mindinho da mão esquerda; e, ao mesmo tempo, atualiza outro efeito de sentido: Lula não se manteve fiel aos princípios do partido. Como chegar a esse efeito de sentido? O nosso objeto de análise é o discurso e o discurso na perspectiva pecheuxtiana é um objeto histórico-ideológico e social, materializado na língua, e para ser analisado é preciso considerar as suas condições de produção, a sua exterioridade, o contexto sócio-histórico-ideológico que o envolve.

Voltemos à primeira sequência discursiva: *Apesar do pacto com Maluf ainda acredito que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido!* Quem é Maluf? O que simboliza um pacto com Maluf? Para responder a essas indagações, temos que ir ao interdiscurso e recuperar o que Maluf simboliza: é um tradicional político que sempre representou a direita brasileira (ARENA, PDS) e atualmente integra o Partido Progressista (PP) também representante de direita. Em sua longa carreira política foi acusado de desvios de verbas,

superfaturamento de obras, improbidade administrativa, lavagem de dinheiro, enriquecimento ilícito e é procurado pela Interpol (Polícia Internacional) por movimentar ilicitamente milhões de dólares. Fazer uma aliança eleitoral com o PP tendo Maluf como representante é passar por cima de valores e princípios defendidos pelo PT, partido de esquerda em sua origem.

Lendo o não verbal, o personagem do cartum com a camiseta amarela com uma estrela vermelha simbolizando um filiado ou simpatizante do PT - já que usa as cores do partido - reconhece que o pacto entre Lula e Maluf contraria os princípios do partido e de todo eleitor que seja contrário à corrupção. Ocorre no conjunto das materialidades a divisão política dos sentidos. O verbal e o não verbal recortam do interdiscurso saberes que acionam outros efeitos de sentidos para as sequências discursivas.

Do interdiscurso, vem o recorte de memória discursiva o qual autoriza perceber o funcionamento irônico no comentário do segundo personagem do cartum à sequência discursiva *acredito que uma parte do Lula se mantém fiel aos princípios do partido*. Porque a sequência discursiva *Ah, sim: o dedo mindinho da mão esquerda* opera um deslocamento de sentido ao dizer *o dedo mindinho da mão esquerda*. Esse deslocamento ocorre porque atualiza saberes sobre o passado de Lula. A memória discursiva recorta do interdiscurso que Lula, ex-torneiro mecânico e fundador do PT, aposentou-se por invalidez justamente por ter amputado o dedo mindinho da mão esquerda enquanto trabalhava como operário em uma fábrica no interior de São Paulo. A parte que o segundo personagem julga que Lula é fiel aos princípios do partido é justamente a parte do corpo que ele não tem.

O sujeito toma como suas as palavras de um discurso Outro que se produz do interdiscurso, apropriando-se da memória discursiva que se manifesta na forma de um discurso irônico. O interlocutor diz *ah, sim* para trazer à memória um saber que simboliza o não: a parte do corpo que Lula não tem. Podemos afirmar com base na materialidade analisada que, esse cartum abre espaço por meio do interdiscurso para a identificação entre os que acreditam que Lula e o PT não são mais um partido de esquerda e que

combatem a corrupção. O cartum simboliza o imaginário dos que não acreditam em pactos inocentes entre posições políticas diferentes. Se houve o pacto é porque são semelhantes os seus ideais.

A efeito de fechamento

A relevância deste estudo reside em evidenciar o trabalho de leitura da materialidade imagética e verbal de um cartum numa perspectiva discursiva pecheutiana. O cartum analisado permitiu a emergência de saberes por meio de seu discurso sobre um fato político (o pacto do PT com o PP). O trabalho de leitura sob a perspectiva discursiva pecheutiana é fundamental para que se evidencie que o discurso do cartum já constitui em si mesmo um gesto de leitura que é resultante da interpretação formulada pelo cartunista. É sempre bom lembrar que os efeitos de sentido do cartum entremeiam-se com os efeitos de sentido de outros discursos.

Com base na análise do cartum, podemos dizer que o cartunista ao formular a materialidade imagética e verbal ocupa um lugar institucional, construído e legitimado historicamente para comentar ações políticas com humor, muitas vezes, produzindo uma crítica mordaz pela ironia. Os imaginários presentes no cartum são tecidos pelo discurso do cartunista o qual é autorizado a proferir um discurso sobre a esfera política e a repetir e a comentar fatos do cotidiano político, produzindo novos efeitos de sentido. Com o tom humorístico, sério ou irônico, o cartum vai formulando interpretações sobre o fazer dos políticos e manifestando posições políticas. A análise aponta para a reativação de saberes e a manifestação de um imaginário dos efeitos de sentido sobre o que simbolizou a coligação PT e PP: um pacto entre iguais.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação) (1974). In: *Um Mapa da ideologia*. (Org.) ZIZEK, Slavoj. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105 – 142.

_____. *Sobre a reprodução*. Trad. De Guilherme João de Freitas Teixeira; 2ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAZARIN, Ana Ercília. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. In: *Organon*. Porto Alegre, nº 48, janeiro-junho, 2010, p. 103 -118.

COURTINE. Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político*: derivas da fala pública. Tradutores Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto L. (Org.) *Análise do discurso*: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, Ed. Pedro e João, 2007a, pp. 75 – 87.

_____. Formação discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs). *Análise do Discurso no Brasil*: mapeando conceitos. São Carlos: Claraluz, 2007b. pp. 163 -172.

_____. A escrita à luz da Análise do Discurso. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Silvia M.G.C. *Sujeito e Linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, pp. 117 – 131.

LOBO, Lorde. *Cartum publicado no Jornal Agora on line* em 26 de jun. 2012. Disponível em: <http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=29037>. Acesso em: 02 jul. 2012.

MITTMANN, Solange. Discurso e Texto: na pista de uma metodologia de Análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs). *Análise do Discurso no Brasil*: mapeando conceitos. São Carlos: Claraluz, 2007. pp. 153 – 162.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso*: princípios e procedimentos. 5. ed. ver. Campinas: Pontes, 2012.

_____. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: *Anais do I SEAD - Seminário de Estudos em Análise de Discurso*, 1, 2003, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, nov. 2003, p. 10-13. 1 CD-ROM.

_____. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 2. ed. Ver. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2ª

Edição Editora Vozes, Petrópolis: 1998.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: UNICAMP, 1988.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* *O papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes, Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise.; HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: UNICAMP, 1993. pp. 61-151.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas [1975]. In: GADET, Françoise.; HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Péricles Cunha. Campinas, SP: UNICAMP, 1993. pp. 163-235.

Recebido em março de 2013.
Aprovado em agosto de 2013.